DESENVOLVIMENTO COMPORTAMENTAL DE DISCENTES DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO: ANÁLISE LONGITUDINAL DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS

Nathalia Berger Werlang¹

Eder Heberle²

Franciele Jantsch²

Ana Paula Groth²

¹ Centro Universitário FAI - UCEFF

² Centro Universitário FAI - UCEFF / Centro Universitário FAI - UCEFF

DESENVOLVIMENTO COMPORTAMENTAL DE DISCENTES DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO: ANÁLISE LONGITUDINAL DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS

Resumo: Este estudo tem por objetivo identificar o desenvolvimento comportamental de discentes do curso de administração, a partir de uma análise longitudinal de competências empreendedoras. A pesquisa foi realizada com acadêmicos do primeiro ano no curso de Administração, e após os mesmos alunos foram entrevistados no último ano do curso. Ao realizá-lo, por meio de uma abordagem quantitativa, de caráter descritiva, buscou-se identificar quais competências empreendedoras foram desenvolvidas pelos acadêmicos neste período. A amostra foi composta por uma turma alunos regularmente matriculados no curso de administração de uma instituição de ensino superior do oeste catarinense. Verificou-se um aumento significativo em todas as competências empreendedoras do conjunto de planejamento e de poder nos alunos concluintes do curso. Por outro lado, as competências do conjunto de realização diminuíram, se comparados aos alunos ingressantes do curso. Mesmo assim, as competências Comprometimento e Persistência são as que aparecem em maior destaque.

Palavras-chave: Competências empreendedoras. Desenvolvimento Comportamental. Instituição de Ensino. Administração.

1. Introdução

As mudanças no mundo vêm ocorrendo com cada vez mais rapidez nos últimos séculos, para Dornelas (2008) a principal causa desse fenômeno é a inovação, e a inovação apenas surge de poucos indivíduos que se diferenciam dos demais no modo de pensar e agir, para o autor atrás de cada uma dessas inovações há pessoas visionárias com características especiais, que fazem acontecer, se arriscam e questionam

Devido ao papel fundamental do empreendedor no desenvolvimento e crescimento da sociedade vários autores dedicam suas pesquisas ao empreendedorismo e destacam em suas obras a importância dos estudos do empreendedorismo e de desenvolver nos indivíduos as competências necessárias para empreender (SCHUMPETER, 1961; FILLION, 1999; DOLABELA, 2008; DORNELAS, 2008).

Para Zampier e Takahashi (2011) estudos dessa natureza contribuem para formulação de tecnologias sociais e estratégias de desenvolvimento que possam por exemplo reduzir o alto índice de mortalidade de PMEs do Brasil. Para as autoras a compreensão do processo de aprendizagem do empreendedor tem fundamental importância no desenvolvimento da economia do país, através da formulação de políticas públicas e da busca por minimizar impactos de problemas, assim como de propor soluções e métodos mais eficientes.

Compreender as competências empreendedoras é importante visto que o ato de empreender é o ponto forte para a criação ou recriação de todas as coisas, além de que, o resultado do empreendedorismo, gera empregos e crescimento da economia (Bracht & Werlang, 2015).

Levando em consideração que, o empreendedorismo é uma competência essencial nos dias de hoje, este estudo tem por objetivo identificar o desenvolvimento comportamental de discentes do curso de administração, a partir de uma análise longitudinal de competências empreendedoras. O estudo foi realizado com a mesma amostra, sendo que foi aplicado em duas etapas. A primeira foi aplicada quando os alunos ingressaram no curso de Administração, e o mesmo questionário foi aplicado novamente quando os alunos estavam no último ano do curso.

Acredita-se que o estudo poderá contribuir para compreender se de fato a IES em estudo está desenvolvendo as competências empreendedoras, por meio das suas ações de ensino, pesquisa e extensão. As IES poderão usar destas informações para rever seus métodos de ensino-aprendizagem a fim de capacitar seus acadêmicos, levando em consideração o mercado de trabalho competitivo que os espera.

Da mesma forma, o estudo poderá contribuir com a academia, visto que apresenta um avanço no estudo do empreendedorismo, por realizar um estudo longitudinal, acompanhando o desenvolvimento de competências empreendedoras dos alunos da mesma turma, quando ingressantes e concluintes do curso.

O presente artigo está estruturado em cinco seções. Inicia-se com esta introdução, seguindo com a fundamentação teórica acerca das competências empreendedoras e a educação empreendedora nos cursos de graduação. A seguir são apresentados os métodos de pesquisas aplicados no estudo. A quarta seção apresenta a análise e discussão dos dados e, por fim, as considerações finais e referências bibliográficas.

2. Competências Empreendedoras

O termo competência e sua definição na contemporaneidade é atribuído a dois principais autores. Le Boterf (1995) afirma que competência significa assumir responsabilidades frente a situações complexas no ambiente de trabalho, lidar com eventos inéditos, extraordinários e singulares. Já Zarifian (2001) destaca que a competência pode ser definida como uma combinação de conhecimentos, de saber-fazer, de experiências e comportamentos necessários em determinadas situações. Para o autor, identifica-se uma competência em situações profissionais, que são avaliadas, para que a empresa possa analisá-las e fazê-las evoluir.

Seguindo a linha de Zarifian (2001), relaciona o conceito de competência com as seguintes expressões: saber agir, mobilizar recursos, integrar saberes múltiplos e complexos, saber aprender, saber se engajar, assumir responsabilidades e ter visão estratégica, para assim gerar resultados e ações realizadas.

Neste contexto de competências, relaciona-se o conceito de perfil empreendedor, uma vez que as competências são essências para que o empreendedor possa ser conduzido ao sucesso e a eficiência (Feuerschutte & Godoy, 2007).

Assim é possível afirmar que as competências individuais são um processo dinâmico que considera as capacidades do indivíduo, formadas por conhecimentos, habilidades e atitudes voltados para a ação em uma situação complexa (Zarifian, 2001; Le Boterf, 2003) e ao mesmo tempo são ligadas a um processo de aprendizagem (Feuerschütte & Alperstedt, 2008).

Dito isto, verifica-se que a atividade empreendedora exige competências próprias dos indivíduos, para que estes sejam capazes de aproveitar uma oportunidade e consigam desenvolver algo novo. Existem algumas competências associadas à posturas empreendedoras no que se refere à mobilização de recursos internos (conhecimento, habilidade e atitudes), e que acabam proporcionando uma reação a um evento externo (oportunidade) (Man & Lau, 2000; Fialho et al. 2007).

Diferentes competências empreendedoras integradas entre si, proporcionam um misto de conhecimentos, habilidades e atitudes nos indivíduos e desencadeiam ações eficazes na consolidação de novos empreendimentos (Ruas, 2001; Paiva et al., 2006).

Ainda, a competência empreendedora pode ser considerada uma característica que destaca os indivíduos competentes, uma vez que estes demonstram diferentes traços de personalidade em suas atitudes (Man & Lau, 2000). Le Boterf (2003) destaca que estes traços são influenciados pela experiência, educação e costumes familiares de cada indivíduo.

Desta forma, constata-se que o desenvolvimento de competências, mesmo sendo diferenciado nos diversos setores, está intrinsecamente relacionado a um processo de aprendizagem (Bitencourt, 2005; Feuerschütte & Godoi, 2007; Barini Filho, 2008). Além disso, destaca-se que diferentes competências são necessárias de acordo com o contexto de cada negócio, o que pode favorecer a tomada de decisão dos dirigentes e apontar para os rumos mais adequados em meio à complexidade em que se vive.

Man e Lau (2000) categorizaram as competências empreendedoras em seis áreas distintas, que foram definidas a partir da análise de outros estudos empíricos e da observação de comportamentos.

Estas competências estão estritamente vinculadas ao senso de identificação de oportunidades, à capacidade de relacionamento, às habilidades conceituais, à capacidade de gestão, à facilidade de leitura, à capacidade de posicionamento em cenários conjunturais e à capacidade de comprometimento com interesses individuais aos da organização (Man & Lau, 2000).

Seguindo a mesma linha de Man e Lau, outros autores também elaboraram algumas dimensões das competências empreendedoras. A partir de um estudo acerca do comportamento empreendedor, McClelland (1973), sustentou a identificação de dez características do comportamento empreendedor (CCE) comuns aos empreendedores, e que foram agrupadas em três categorias de competências pessoais.

O empreendedorismo possui principalmente duas vertentes que são estudadas e explicam o perfil empreendedor, a econômica e a comportamental. Neste artigo abordaremos principalmente a linha comportamental, que surgiu da ótica de MacClelland (1973).

David MacClelland (1973) buscou identificar inicialmente determinadas competências de desempenho no trabalho, comparando pessoas de sucesso com outras que não o tinham (Morales, 2004). A partir dos seus estudos, ele identificou três tipos de necessidades do empreendedor: realização, poder e afiliação. Este estudo serviu como base para o desenvolvimento do modelo de 10 competências de Cooley (1990), que ainda é utilizado pelo Programa das Nações Unidas (PNUD), como padrão de capacitação de empreendedores a nível internacional (Morales, 2004; Lenzi et al., 2013).

Posteriormente, Lenzi (2008), com base nos estudos de Cooley, elaborou um instrumento de coleta de dados para identificar as dez competências empreendedoras. Estas competências são apresentadas no Quadro 01.

Quadro 01: Competências empreendedoras

CONJUNTO DE REALIZAÇÃO
BUSCA DE OPORTUNIDADES E INICIATIVA (BOI)
Lidera ou executa novos projetos, ideias e estratégias que visam conceber, reinventar, produzir ou comercializar novos produtos ou serviços.
Toma iniciativas pioneiras de inovação gerando novos métodos de trabalho, negócios, produtos ou mercados para empresa.
Produz resultado para empresa decorrente da comercialização de produtos e serviços gerados da oportunidade de negócio que identificou e captou no mercado.
CORRER RISCOS CALCULADOS (CRC)
Avalia o risco de suas ações na empresa ou no mercado por meio de informações coletadas.
Age para reduzir os riscos das ações propostas.
Está disposto a correr riscos, pois eles representam um desafio pessoal e poderão de fato trazer bom retorno para a empresa.
EXIGÊNCIA DE QUALIDADE E EFICIÊNCIA (EQE)
Suas ações são muito inovadoras, trazendo qualidade e eficácia nos processos.
É reconhecido por satisfazer seus clientes internos e externos por meio de suas ações e resultados.
Estabelece prazos e os cumpre com padrão de qualidade reconhecido por todos.
PERSISTÊNCIA (PER)
Age para driblar ou transpor obstáculos quando eles se apresentam.
Não desiste em situações desfavoráveis e encontra formas de atingir os objetivos.
Admite ser responsável por seus atos e resultados, assumindo a frente para alcançar o que é proposto.
COMPROMETIMENTO (COM)

Conclui uma tarefa dentro das condições estabelecidas, honrando os patrocinadores e parceiros internos.
Quando necessário, “coloca a mão na massa” para ajudar a equipe a concluir um trabalho.
Está disposto a manter os clientes (internos e externos) satisfeitos e de fato consegue.
CONJUNTO DE PLANEJAMENTO
BUSCA DE INFORMAÇÕES (BDI)
Vai pessoalmente atrás de informações confiáveis para realizar um projeto.
Investiga pessoalmente novos processos para seus projetos ou ideias inovadoras.
Quando necessário, consulta pessoalmente especialistas para lhe ajudar em suas ações.
ESTABELECIMENTO DE METAS (EDM)
Define suas próprias metas, independente do que é imposto pela empresa.
Suas metas são claras e específicas, e entendidas por todos os envolvidos.
Suas metas são mensuráveis e perfeitamente acompanhadas por todos da equipe.
PLANEJAMENTO E MONITORAMENTO SISTEMÁTICOS (PMS)
Elaboram planos com tarefas e prazos bem definidos e claros.
Revisa constantemente seus planejamentos, adequando-os quando necessário.
É ousado na tomada de decisões, mas se baseia em informações e registros para projetar resultados.
CONJUNTO DE PODER
PERSUASÃO E REDE DE CONTATOS (PRC)
Consegue influenciar outras pessoas para que sejam parceiros em seus projetos viabilizando recursos necessários para alcançar os resultados propostos.
Consegue utilizar pessoas chave para atingir os resultados que se propõe ou conseguir os recursos necessários.
Desenvolve e fortalece sua rede de relacionamento interna e externa à empresa.
INDEPENDÊNCIA E AUTOCONFIANÇA (IAC)
Está disposto a quebrar regras, suplantar barreiras e superar obstáculos já enraizados na empresa.
Confia em seu ponto de vista e o mantém mesmo diante de oposições.
É confiante nos seus atos e enfrenta desafios sem medo.

Fonte: Lenzi (2008).

Desta forma pode-se visualizar que cada uma das dez competências existentes está relacionada com um tipo de necessidade do empreendedor, o que faz com que este possua perfis diferentes uns dos outros.

2.2 Educação Empreendedora em Instituições de Ensino Superior

O papel do ensino na formação dos cidadãos, principalmente com o advento do século XXI e da revolução do empreendedorismo, vem se tornando cada vez mais relevante para o sucesso pessoal e profissional dos indivíduos (Nassif, Amaral & Prando, 2012).

Entretanto, Rasco (2000) assevera que ainda existem lacunas entre a sala de aula e o mercado de trabalho, o que confirmam até o momento a inexistência de uma educação empreendedora por parte das IES. Assim, Dolabela (2008) destaca que é necessária uma mudança na pedagogia das instituições, que seja capaz de formar empreendedores, e não mais apenas empregados.

Identifica-se assim a necessidade de uma estrutura acadêmica, que viabilize ações pedagógicas voltadas para o estímulo à formação empreendedora em ambientes internos e externos, além da necessidade de melhor capacitação aos professores para atender com presteza essa demanda.

O primeiro curso de empreendedorismo evidenciado na história das IES foi ministrado nos Estados Unidos em 1947, pela Harvard, com o objetivo de qualificar ex-combatentes da

Segunda Guerra Mundial para o auto emprego, bem como para a criação de oportunidades de trabalho. Entretanto, apenas a partir da década de 70 o empreendedorismo passou a configurar os currículos das universidades, como resposta às mudanças econômicas e de mercado. Já no Brasil, o ensino do empreendedorismo começou a ser inserido nos cursos de Administração na década de 80, pela Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo (Cruz Junior et al, 2006; Henrique & Cunha, 2008).

Diante disso, um estudo do GEM (2010) aponta a necessidade do ensino empreendedor nas IES, uma vez que a taxa mundial de empreendedorismo entre a população com formação universitária apresenta uma média de 12,8%, o que representa que dentre 100 indivíduos com formação universitária, apenas 13 empreendem um negócio próprio.

Por isso, Sarkar (2008) e Etkowitz (2009) ressaltam a necessidade de que o empreendedorismo precisa estar embasado na aprendizagem e no conhecimento que resulta da interação de três diferentes atores: universidade – indústria – governo, a chamada Hélice Tríplice. Assim, de acordo com os autores, é possível gerar o progresso técnico e o desenvolvimento econômico e inovador.

Em se tratando de educação empreendedora, Andrade e Torkomian (2001) afirmam que esta consiste buscar o desenvolvimento do ser humano para que ele seja capaz de buscar a identificação, aproveitamento de oportunidades e transformação destas em realidade, e assim contribuir com a geração de valores financeiros, sociais e culturais para a sociedade como um todo.

Diante disso, os autores sugerem que a educação empreendedora aconteça por meio de diferentes formas, que podem ser: atividades isoladas a partir de demandas dos alunos ou empreendidas por professores acerca de informações sobre criação de empresas e tendências de mercado; disciplinas específicas eletivas ou obrigatórias, constituindo-se de uma ação formal no contexto do curso para assim inserir o empreendedorismo na formação dos alunos; a criação da cultura empreendedora nas disciplinas do curso de graduação, direcionando as atividades em diferentes disciplinas do curso a fim de estimular o empreendedorismo; a instalação de um centro de empreendedorismo, estágio mais avançado e que envolve maior grau de comprometimento da instituição para o estímulo à cultura empreendedora com a criação de incubadoras, empresa júnior, dentre outras ações que possam criar pontes entre as universidades e as empresas (Andrade & Torkomian, 2001).

Nesta mesma linha de pensamento, Martens e Freitas (2008) elencam algumas formas de aprendizagem que devem compreender as ações para o desenvolvimento da educação empreendedora: a construção de planos de negócios, realização de contatos com empresas, conversas formais ou informais com empreendedores, simulações computacionais e comportamentais, entrevistas com empreendedores em seus ambientes de negócios, o acesso à história de vida de empreendedores, visitas de campo, e até mesmo o uso de vídeos e filmes como recursos pedagógicos. São múltiplos os meios e as possibilidades de executar a educação empreendedora, o que pode ser visto segundo uma concepção formalizada.

Como consequência, Henrique e Cunha (2008) afirmam que uma educação empreendedora possibilitaria a formação de profissionais não apenas aptos para gerenciar empresas, mas indivíduos com conhecimentos, habilidades e atitudes para a criação de novos negócios, bem como para gerar inovações dentro de organizações já constituídas.

Martens e Freitas (2008,) asseveram que para disseminar a cultura empreendedora é preciso compreendê-la como um processo de formação de atitudes e características nos indivíduos, e não apenas como aquisição de conhecimento. Por isso os autores sugerem que o auto aprendizado se realizado em um ambiente adequado, é essencial para uma educação empreendedora.

Ferreira e Freitas (2013), destacam o papel das empresas juniores (EJ) na construção do conhecimento e espírito inovador dos acadêmicos. Os autores destacam que “os membros e ex-membros de EJ apresentaram 20 variáveis do comportamento empreendedor superior aos que não tiveram a mesma oportunidade, evidenciando um contributo expressivo na formação profissional dos seus componentes” (Ferreira & Freitas, 2013:47-48).

Neste sentido, Rocha e Freitas (2014) afirmam que a sustentabilidade das novas empresas é a maior preocupação atualmente. E assim, o empreendedorismo surge como uma alternativa para esta deficiência. Ou seja, a formação de empreendedores mais eficazes no âmbito de gestão, podem advir da formação empreendedora dos cursos de administração.

Em outro estudo similar, Menezes e Costa (2016) desenvolveram uma pesquisa a fim de identificar a importância das experiências de acadêmicos na participação em empresas juniores, para o desenvolvimento de um perfil empreendedor. Por meio de um estudo qualitativo, com entrevistas em profundidade, observou-se na análise do discurso que as competências empreendedoras são desenvolvidas por meio da participação nestas atividades. Isso foi evidenciado a partir de palavras chave mencionadas pelos alunos, que indicam que possuem autonomia para desenvolver projetos, tolerância ao erro e incentivam iniciativas inovadoras nos meios em que se encontram.

Werlang et al. (2006) realizaram um estudo que teve como objetivo identificar as competências empreendedoras entre os acadêmicos do curso de administração de uma instituição de ensino superior (IES). O estudo foi desenvolvido de forma *cross-sectional*, ou seja, a pesquisa foi realizada ao mesmo tempo, com acadêmicos de diferentes semestres.

O estudo identificou que todos os acadêmicos apresentam alguma competência empreendedora, entretanto, as competências que mais se destacaram foram o Comprometimento, a Persistência e a Busca por Informações. O estudo apontou que todas as competências do conjunto de realização (CRC, EQE, PER, COM) foram identificadas nos acadêmicos iniciantes do curso de Administração, e com o avanço dos semestres, estas foram diminuindo. Já as competências do conjunto de planejamento (BDI, EDM e PMS) foram avançando a medida em que os semestres evoluíam. Já as competências do conjunto de Poder (PRC e IAC) aumentaram entre os alunos iniciantes até o sexto semestre, e decaíram no oitavo semestre do curso (Werlang et al., 2016).

3. Metodologia de pesquisa

A presente pesquisa caracteriza-se por ser de caráter descritivo e quantitativo, sendo que analisou as competências empreendedoras de uma turma de alunos do curso de Administração. A mesma turma foi entrevistada quando ingressou no curso, com 38 alunos e quando estava concluindo o curso, com 32 alunos.

Sendo assim, a coleta de dados ocorreu por meio de um questionário desenvolvido por Lenzi (2008) de 35 perguntas que se dividem em: 5 perguntas que caracterizam o perfil dos

acadêmicos, seguido de 30 questões de competências empreendedoras, determinada por três perguntas para cada competência, conforme proposto pelo autor.

Ao atribuir uma nota na escala ordinal (de 1 a 5) para cada afirmativa do instrumento, o respondente obterá uma pontuação que há de variar de 3 a 15 pontos. Segundo Lenzi (2008), para a identificação de uma determinada competência é deliberada pela soma de no mínimo 12 pontos na competência, que se dividem em: Busca de Oportunidades e Iniciativa (BOI); Correr Riscos Calculados (CRC); Exigência de Qualidade e Eficiência (EQE); Persistência (PER); Comprometimento (COM); Busca de informação (BDI); Estabelecimento de Metas (EDM); Planejamento e Monitoramento Sistemáticos (PMS); Persuasão e Rede de Contatos (PRC) e Independência e Autoconfiança (IAC).

A amostra como já mencionada, foi composta pelos 38 ingressantes da turma de Administração, e depois foram entrevistados novamente os 32 concluintes da mesma turma. Sendo assim, a coleta dos dados ocorreu em duas etapas, sendo uma no final do ano de 2014, e outra no final do ano de 2017, que compreendeu os quatro anos de formação do curso de Administração.

Após coletados os dados, que foram processados no Microsoft Excel® e no SPSS 21.0, a análise dos dados foi realizada a partir de estatísticas descritivas e univariadas, a fim de identificar a evolução dos acadêmicos durante o curso de graduação.

4. Análise e apresentação dos resultados

Inicialmente, foi mapeado o perfil socioacadêmica, visando conhecer sua idade média, gênero, se atua no mercado do trabalho ou não. Evidenciou-se que em 2014, quando os alunos ingressaram no curso a idade média da turma era de 21 anos, sendo que no final de 2017 essa idade passou para 22,5. Vale destacar que houveram desistências de 6 alunos durante a trajetória. Entretanto, isso ainda demonstra que os alunos estão finalizando a graduação com uma idade relativamente baixa e ingressando no mercado de trabalho. Isso vai de encontro a idade média universitária, de 18 a 24 anos, segundo o INEP (2013).

Na sequência, a Tabela 1 apresenta os resultados apurados quanto ao gênero dos universitários:

Tabela 1 – Gênero dos Universitários

Gênero	Frequência quando no 2º semestre	Porcentagem válida (%)	Frequência quando no 8º semestre	Porcentagem válida (%)
Feminino	20	52,6	17	53,1
Masculino	18	47,4	15	46,9
Total	38	100,0%	32	100,0%

Fonte: Dados da Pesquisa.

Analisando a quantidade de acadêmicos por gênero de um semestre para outro, identificou-se que mesmo com os 6 desistentes do curso (3 do gênero feminino e 3 do gênero masculino), manteve-se a predominância do gênero feminino na turma.

Outra questão analisada na pesquisa foi o percentual de acadêmicos atuantes no mercado de trabalho, como demonstra a Tabela 2.

Tabela 2 - Está no mercado de trabalho

Está no mercado de trabalho	Frequência quando no 2º semestre	Porcentagem válida (%)	Frequência quando no 8º semestre	Porcentagem válida (%)
Não	4	10,5	1	3,1
Sim	34	89,5	31	96,9
Total	38	100,0	32	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa.

O resultado descrito na Tabela 2 demonstra que houve um aumento significativo na presença dos acadêmicos no mercado de trabalho. Em 2014, quando os alunos estavam no segundo semestre, 89,5% deles estavam no mercado do trabalho. Já em 2017, quando os mesmos se encontravam no oitavo semestre do curso, esse percentual subiu para 96,9%.

O aumento do percentual de acadêmicos, em fase de conclusão de curso, que possuem um emprego corrobora a importância que as Universidades possuem no seu papel de formador de habilidades profissionais em seus discentes. As experiências de estágios e vivências acadêmicas, Oliveira et al. (2014) destacam que são fatores fundamentais para entrada desses novos profissionais no mercado de trabalho.

A seguir, a Tabela 3 apresenta uma análise geral das Competências Empreendedoras dos Universitários participantes do 2º semestre do curso.

Tabela 3- Análise das Competências dos Universitários no 2º Semestre

Competência	Frequência	Percentual	Média
BOI	5	13,1	12,80
CRC	20	52,6	13,10
EQE	16	42,1	12,44
PER	27	71,0	13,59
COM	36	94,7	13,72
BDI	13	34,2	12,69
EDM	9	23,7	13,00
PMS	13	34,2	13,08
PRC	13	34,2	12,85
IAC	11	28,9	13,45

Fonte: Dados da Pesquisa.

Ao analisar estes resultados, evidencia-se que a competência Comprometimento, apareceu em 94,7% dos alunos, a Persistência em 71%, e a competência Correr Riscos Calculados apareceu em 52,6% dos acadêmicos. Todas as demais competências aparecerem em menos da metade da amostra analisada, com destaque para a competência Busca de Oportunidade e Iniciativa que apareceu em apenas 13,1% dos alunos. Esse resultado corrobora os estudos de Souza e Zambalde (2015), que também realizou uma investigação com acadêmicos e encontrou o comprometimento como a competência mais presente na sua amostra.

Vale destacar que todas essas competências se encontram no conjunto de realização, ou seja, no momento inicial do curso de Administração os alunos possuem competências para

empreender por realização pessoal, eles estão motivados e engajados nas suas atividades que realizam, seja a nível acadêmico ou profissional. A seguir a Tabela 4 apresenta os mesmos resultados, agora a partir dos dados coletados com a turma em 2017, quando estavam no 8º semestre do curso

Tabela 4- Análise das Competências dos Universitários no 8º Semestre

Competência	Frequência	Percentual	Média
BOI	12	37,5	12,98
CRC	15	46,9	13,47
EQE	15	46,9	12,67
PER	21	65,6	13,24
COM	27	84,4	14,04
BDI	17	53,1	13,71
EDM	11	34,4	13,18
PMS	10	31,2	12,60
PRC	14	43,7	13,21
IAC	16	50	13,13

Fonte: Dados da Pesquisa.

A Tabela 4 evidencia as competências empreendedoras presentes nos acadêmicos já em fase de conclusão de curso. Neste momento, verificou-se que as competências que se destacam aqui foi novamente o Comprometimento, que apareceu em 84,4% dos acadêmicos, a Persistência, que apareceu em 65,6% dos alunos, e diferente da Tabela 3, neste ano destacou-se em terceiro lugar a Busca de Informação.

Além disso, evidenciou-se que grande parte das competências tiveram um aumento nesta nova etapa de coleta de dados. A competência que menos se desenvolveu apareceu em 31,2% dos participantes, sendo ela o Planejamento e Monitoramento sistemático. Ainda continuaram em ênfase as competências do conjunto de Realização, aumentando também as competências do conjunto de Planejamento. Acredita-se que isso ocorreu devido ao desenvolvimento acadêmico dos alunos, que por meio de conceitos teóricos em sala de aula, conseguiram identificar a importância do planejamento para a capacidade de empreender.

Na sequência tem-se o Gráfico 1, que representa a diferença de Competência Empreendedoras entre os alunos quando ingressantes, e quando concluintes do curso de Administração.

O Gráfico 1 representa as competências presentes nos acadêmicos em seu segundo e oitavo semestres, onde é possível averiguar que no segundo semestre os acadêmicos apresentam uma maior variação de uma competência para outra em relação ao oitavo semestre. Evidencia-se também que em sua maioria as competências com maior índice em 2014 diminuíram (COM, PER, CRC, EQE e PMS), mas ao mesmo tempo as que tinham menor índice em 2014 se elevaram nesse período de 4 anos de curso superior (BOI, BDI, EDM, PRC e IAC). Mesmo assim, é visível que as competências Comprometimento e Persistência que eram as mais presentes nos acadêmicos ingressantes, mesmo com essa diminuição, continuaram sendo as que aparecem em maior frequência. Além disso verificou-se um aumento significativo nas competências dos conjuntos de planejamento, assim como no conjunto de poder.

Gráfico 1 - Diferença de Competência nos Semestres

Fonte: dados da pesquisa

A seguir, o Gráfico 2 apresenta uma linha comparativa das competências empreendedoras entre alunos ingressantes e concluintes do curso, que permite uma melhor visualização e análise das competências.

Gráfico 2 - Comparativo das Competências Empreendedoras por Semestre

Fonte: dados da pesquisa.

A partir da análise do Gráfico 2, é possível verificar a tendência empreendedora dos acadêmicos quando ingressantes e quando concluintes do curso de Administração. É possível evidenciar que o desenvolvimento de competências do conjunto de realização, ou seja, que

indica que os alunos possuem interesse em empreender por motivos de realização pessoal ou profissional apresentam uma leve queda até o último ano do curso se comparado quando ingressaram o curso superior.

Por outro lado, as competências dos conjuntos de planejamento e poder apresentam um leve crescimento. Isso indica que com o passar dos anos, com o desenvolvimento dos acadêmicos por meio de conceitos teóricos e também por atividades práticas desenvolvidas em sala de aula, o interesse dos acadêmicos em empreender por motivos de planejamento e poder aumentam.

É possível inferir aqui a importância dessas competências uma vez que o planejamento é essencial quando se fala em empreender, por meio da criação de novos produtos, serviços ou negócios. Neste sentido, Nassif, Hashimoto e Amaral (2014) ressaltam em sua pesquisa que o planejamento também corrobora na formulação dos objetivos da empresa, assim como na análise dos ambientes e fatores internos e externos.

Além disso, competências de poder são essenciais aos alunos visto que estes precisam saber se posicionar, ter autoconfiança e buscar ampliar sua rede de contatos para que consiga desenvolver inovações no ambiente empresarial que se encontra hoje. De acordo com Borges e Filion (2012), é nas universidades que os futuros empreendedores terão maior facilidade para criar e ampliar uma rede de contatos abrangente, adquirirem experiência da área e terem maior chances de se tornarem bem-sucedidos.

Estes resultados são corroborados com a pesquisa de Werlang et al. (2016), que analisou diferentes turmas em diferentes semestres do curso de Administração, e também identificou uma tendência clara para as competências agrupadas por Lenzi (2008), em Conjunto de Planejamento e de Poder nos últimos dois anos do curso. Assim, os resultados permitem inferir que há um maior desenvolvimento nos acadêmicos para estas competências, durante o período final do curso de graduação, a partir do avanço de características que envolvem a integração, rede de contatos, independência, planejamento e autoconfiança.

5. Considerações Finais

Esta pesquisa teve como objetivo identificar o desenvolvimento comportamental de discentes do curso de administração, a partir de uma análise longitudinal de competências empreendedoras. O estudo baseou-se no tema das competências empreendedoras, e sua formação em acadêmicos de uma instituição de ensino superior (IES), visto que cada vez há mais cargos disponíveis no mercado que exigem ensino superior completo. De acordo com o IBGE (2015) houve um aumento de 2,6% de cargos para profissionais com curso superior.

Para responder o objetivo, ocorreu uma pesquisa longitudinal, que analisou as competências empreendedoras desenvolvidas pelos acadêmicos quando estes ingressaram o ensino superior em 2014, e após os quatro anos de graduação, no final de 2017, a mesma turma participou novamente do estudo a fim de evidenciar o desenvolvimento das competências empreendedoras no término do curso.

A partir dos resultados, verifica-se que todos os acadêmicos desenvolveram pelo menos alguma competência empreendedora. Em níveis percentuais, o desenvolvimento de competências foi significativamente maior nos acadêmicos quando estes já se encontravam no 8º semestre, ao concluírem o curso superior. Vale destacar que a competência que apresentou

maior crescimento ao longo do curso foi a Independência e Autoconfiança (IAC), que pertence ao conjunto de poder. Esta competência teve um crescimento de 21% ao comparar os alunos ingressantes com os concluintes.

De forma geral, as competências dos conjuntos de planejamento e poder cresceram significativamente se comparadas ao conjunto de realização, que apresentou queda em todas as competências (BOI, CRC, EQE, PER e COM).

Isso pode ser justificado em função de que com o decorrer do tempo e dos aprendizados adquiridos em sala de aula, os acadêmicos verificam e aprendem a importância do planejamento para a gestão de negócios. Além disso, a partir da aquisição de conhecimento teórico e da convivência diária com colegas e professores, competências como independência e rede de contatos, que estão no conjunto de poder, tendem a aumentar.

Como contribuições para as IES, estas podem analisar que mesmo contribuindo para o desenvolvimento de algumas competências empreendedoras, estas precisam repensar como contribuir para o desenvolvimento de competências de realização. Ou seja, é necessário também que as universidades instiguem nos seus acadêmicos a vontade de empreender.

Por outro lado, sabe-se que frente ao cenário econômico e político em que o país se encontra, muitos podem ser os fatores que contribuir com o desestímulo ao empreendedorismo, o que também pode ter contribuído com a diminuição destas competências nos acadêmicos participantes da pesquisa.

Como limitações do estudo, apresenta-se as técnicas de análise de dados ainda incipientes, visto que englobaram apenas técnicas estatísticas descritivas e univariadas. Entretanto, de qualquer forma estas foram suficientes para responder aos objetivos da pesquisa.

Acredita-se que este é um tema que ainda precisa ser aprofundado em novas pesquisas, visto que o empreendedorismo é atualmente uma característica comportamental necessária para todos os tipos de profissionais, sejam eles independentes ou autônomos. Assim, os estudos podem contribuir para mapear e identificar lacunas que precisam ser desenvolvidas pelos profissionais. Além disso, sugere-se que pesquisas como estas sejam desenvolvidas com acadêmicos de outros cursos de graduação, visto que profissionais de todas as áreas do conhecimento precisam hoje desenvolver competências empreendedoras.

Referências bibliográficas

Andrade, R. F. & Torkomian, A. L. V. (2001). Fatores de influência na estruturação de programas de educação empreendedora em Instituições de Ensino Superior. ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS - EGEPE, 2, 2001, Londrina. *Anais...* Paraná.

Barini Filho, U. (2008). *Transmissão da competência empreendedora: Um estudo de casos múltiplos*. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

Bitencourt, C. C. (2005). *Gestão de competências e aprendizagem nas organizações*. São Leopoldo/RS: Unisinos.

Borges, C. & Fillion, L. J. (2012). Evolução do capital social empreendedor dos spin-offs universitários. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 1(1): 3-31.

Bracht, D. E. & Werlang, N. B. (2015). Competências empreendedoras: uma investigação com produtores rurais catarinenses. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 4(1), 101-124.

Cooley, L. (1990). *Entrepreneurship Training and the Strengthening of Entrepreneurial Performance*. Final Report. Washington: USAID.

Cruz Junior, J. B. et al. (2006). Empreendedorismo e Educação Empreendedora: confrontação entre a teoria e a prática. *Revista de Ciências da Administração*, Santa Catarina, 8(15).

Dolabela, F. (2008) *Oficina do Empreendedor*. Rio de Janeiro: Sextante.

Dornelas, J. C. A. (2008). *Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios*. (3. ed. 5ª Reimpressão) Rio de Janeiro: Elsevier.

Etzkowitz, H. (2009). *Hélice Tríplice: universidade-indústria-governo: inovação em movimento*. Porto Alegre: Edipucrs.

Ferreira, E. R. A. & Freitas, A. A. F. (2013). Propensão empreendedora entre estudantes participantes de empresas juniores. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 2 (3), 3-32.

Feuerschütte, S. G. & Alperstedt, G. D. (2008). Empreendedorismo e competência: Um ensaio sobre a complementaridade e a convergência dos construtos. In: ENANPAD: 2008. *Anais...* Rio de Janeiro/RJ.

Feuerschütte, S. G. & Godoi, C. K. (2007). Competências empreendedoras: Um estudo historiográfico no setor hoteleiro. In: ENANPAD: 2007. *Anais...* Rio de Janeiro/RJ.

Fialho, F. A. P. et al. (2007). *Empreendedorismo na era do conhecimento*. Florianópolis: Visual Books.

Fillion, L. J. (1999, abril). Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração de Empresas*, 34(2): 05-28.

Gem. (2010). Global Entrepreneurship Monitor. *Empreendedorismo no Brasil – 2010*. Curitiba – IBQP. Disponível em: <
<http://www.gemconsortium.org/download/1321112113359/GEM%20Brazil%202010%20Report.pdf>>

Henrique, D. C. & Cunha, S. K. (2006). Metodologias, Recursos e Práticas Didático-Pedagógicas no Ensino de Empreendedorismo em Cursos de Graduação e Pós-Graduação Nacionais e Internacionais. ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓSGRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – ENANPAD, 30, 2006, Salvador. *Anais...* Rio de Janeiro.

Ibge (2015). *Estatísticas de empreendedorismo*. Rio de Janeiro: IBGE.

Le Boterf, G. (1995). *De la competence: essai sur un attracteur étrange*. Paris: Les Éditions d'Organisation.

Lenzi, F. C. (2008). Os empreendedores corporativos nas empresas de grande porte: um estudo da associação entre tipos psicológicos e competências empreendedoras. *Tese de doutorado da Universidade de São Paulo*. Recuperado em: abril de 2015, de <www.teses.usp.br/teses/.../12/.../tese_fernando_lenzi_usp.pdf>

Lenzi, F. C. et al. (2013). A relação das competências empreendedoras e da conduta intraempreendedora no setor de serviços educacionais. *Revista pensamento contemporâneo em administração*, 7(2), 77-95.

Man, T. W. Y. & Lau, T. (2000). Entrepreneurial competencies of SME owner/managers in the Hong Kong services sector: A qualitative analysis. *Journal of Enterprising Culture*, 8 (3): 235-254, Sept.

Martens, C. D. P. & Freitas, H. (2008). A Influência do Ensino de Empreendedorismo nas Intenções de Direcionamento Profissional dos Estudantes. *Estudo & Debate*, Lajeado, 15(2): 71-95.

McClelland, D. C. (1973). Testing for Competence Rather Than for "Intelligence". *American Psychologist*, 28(1), 1-14.

Menezes, B. F. R. & Costa, A. S. M (2016). Experiência de Trabalho e Formação Empreendedora: um Estudo sobre a Empresa Junior PUC- Rio . *Revista ADM.MADE*, 20 (1): 79-105.

Morales, S. A. (2004). *Relação entre competências e tipos psicológicos junguianos nos empreendedores*. Tese de Doutorado da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 199p.

Nassif, V. M. J., Amaral, D. J. & Prando, R. A. (2012). A universidade desenvolve competências empreendedoras? Um mapeamento das práticas de ensino numa universidade brasileira. *Administração: ensino e pesquisa*, 13(3): 597-628

Nassif, V. M. J., Hashimoto, M. & Amaral, D. J. (2014). Autopercepção de habilidades de planejamento dos empreendedores: evidências de empresários brasileiro. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, 13(4): 107-12.

Oliveira, F. M. M. et al. (2014). Inserção de egressos do curso de graduação em enfermagem no mercado de trabalho. *Sanare Revista de Políticas Públicas*, 13(1):92-98.

Paiva Júnior, F. G. et al. (2006). A contribuição das competências empreendedoras para a formação de dirigentes em sistemas de incubação. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 26, 2006. Fortaleza. *Anais...* Fortaleza/CE: ENEGEPE.

Rasco, J. F. (2000). A. Inovação, Universidade e Sociedade. In: Castanho, S., Castanho E. L. M. (Orgs.). *O que há de novo na educação superior – do projeto pedagógico à prática transformadora*. Campinas: Papirus.

Rocha, E. L. C. & Freitas, A. A. F. (2014). Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. *Revista de Administração Contemporânea*, 18(4), 465-486.

Ruas, R. L. (2001). *Gestão das competências gerenciais e a aprendizagem nas organizações*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Sarkar, S. (2008). *O empreendedor inovador: Faça diferente e conquiste seu espaço no mercado*. Rio de Janeiro: Elsevir.

Schumpeter, J. A. (1961). *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura.

Werlang, N. B. et al. (2016). Competências empreendedoras em acadêmicos do curso de administração: uma análise com discentes de diferentes semestres. *Anais... EGEPE 2016*. In: EGEPE, 9 Encontro de Gestão e Empreendedorismo em Pequenas Empresas. Passo Fundo-RS.

Zampier, M. A., Takahashi, A. R. W. & Teixeira, R. M. (2011, janeiro). Intraempreendedorismo Feminino e Desenvolvimento de Competências Empreendedoras: Um Estudo de Caso com Professoras de Programas de Mestrado e Doutorado em Administração de Curitiba-PR. *Revista Economia & Gestão – 11(25)*.

Zarifian, P. (2001). *Objetivo competência: por uma nova lógica*. São Paulo: Atlas.